

REFLEXÃO ACERCA DA EDUCAÇÃO EM UMA SOCIEDADE NEOLIBERAL – UM OLHAR A PARTIR DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Cláudia Valéria Rosa da Silva(1);

(Cláudia Valéria Rosa da Silva, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), claudiavaleria22@hotmail.com)

Resumo: O presente trabalho efetua uma discussão acerca da educação geográfica na educação básica, mais especificamente como ações neoliberais atuam diretamente no trabalho docente, os desafios e dificuldades que o ensino de geografia sofre nessa sociedade, e como isso afeta o Ser professor(a). Dessa forma o procedimento metodológico é de cunho qualitativo, sendo uma trabalho de revisão teórica, em que debatemos com diversos autores acerca da educação dentro do contexto neoliberal, e por fim discorremos acerca a importância de uma educação para além dessa doutrina, uma educação que pensa a formação do cidadão ativo socialmente, assim como de um professor de geografia crítico e reflexivo que visa a construção do conhecimento, e ser um agente ativo socialmente.

Palavras-chave: Educação, Sociedade, Neoliberalismo,

1 INTRODUÇÃO

O Recife, a cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas é também a cidade dos mocambos: das choças, dos casebres de barro batido a sopro, cobertos de capim de palha de coqueiro e de folha-de-flandres.

Josué de Castro

Viver na região metropolitana do Recife, conhecer de perto as desigualdades sociais, me impulsionou a buscar conhecer mais como se constrói esse espaço tão diverso, assim adentrei na licenciatura em geografia. A escolha da licenciatura se deu de forma natural, desde a infância me lembro que queria ser professora, o difícil era escolher a especificidade, assim no ensino médio finalmente perceber como os conhecimentos da geografia humana e física se entrelaçam, e nos permite uma maior compreensão do espaço o qual estamos inseridos optei pela licenciatura em geografia.

Adentrei no curso pensando que finalmente estaria em um local que as pessoas realmente aceitariam minha escolha profissional de ser professora, no entanto vivenciei por alguns colegas de curso os mesmos questionamentos sofridos ao longo da minha vida escolar na educação básica, “você é tão nova tem certeza que quer ser professora?”, “fuja enquanto ainda tem tempo”, “menina vai fazer outro curso que der mais futuro”. Isso me causou um grande desconforto, afinal eu estava em um curso de

licenciatura, o que aquelas pessoas queriam nesse curso se não era ser professor(a)?

Essa experiência logo no início da graduação coadunou com outras ao longo do curso, como por exemplo os estágios curriculares, que foram a primeira oportunidade de adentrar no espaço escolar agora não como aluna, mas como uma licencianda, e essa experiência promoveu novas inquietações.

Como perceber o espaço marginal que vem sendo relegado a geografia escolar, observar como ela vem sendo tomada como uma disciplina meramente decoreba, simplória, e sem grande importância pois “ela não serve de nada, nem para arrumar um emprego serve”. Essas experiências foram de extrema importância na minha formação profissional, pois parei para me questionar qual o real papel do professor de geografia na sociedade, qual seria nossa função social verdadeira, já que dentro dos espaços escolares essa disciplina vem sendo muitas vezes tomada como sem relevância, e sim como:

Uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe, “em geografia nada há para entender, mas é preciso ter memória...”. De qualquer forma, após alguns anos, os alunos não querem mais ouvir falar dessas aulas que enumeram, para cada país, relevo – clima – vegetação – população – agricultura – cidades – indústrias. (LACOSTE, 2012, p.21).

É percebendo o quanto a geografia escolar vem sendo marginalizada, que surge o desejo de compreender mais acerca dos sentidos, os sentimentos contidos no ser professor de geografia na atualidade.

O ser professor de geografia, professor de um conhecimento presente na humanidade desde a antiguidade clássica na Grécia, mas que se consolida segundo Seabra (2007) apenas no início do século XIX, graças a sistematização e produções de Alexander Von Humboldt e Karl Ritter seus principais fundadores, os chamados pais da geografia, porque foi mediante a esses autores que a geografia começou a se sistematizar, ainda no século XVIII, em um período de formação do estado nação Alemanha.

No século XVIII a Alemanha ainda não existia como um estado nação, era apenas um aglomerado de feudos, mas com a sedimentação do capitalismo e o expansionismo de Napoleão, se inicia a busca de unificação da nação Alemã. É aí que o conhecimento geográfico se faz essencial, pois contribui com um conhecimento tanto físico do espaço, como humano das relações que ocorrem espacialmente. Ao nos debruçamos na epistemologia da geografia vemos que:

[...] a geografia serve, em princípio, para fazer a guerra. Para toda ciência, para todo saber deve ser colocada a questão premissas

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

epistemológicas; o processo científico está ligado a uma história e deve ser encarado, de um lado, nas suas relações com as ideologias, de outro, como prática ou como poder. Colocar como ponto de partida que a geografia serve, primeiro, para fazer a guerra não implica afirmar que ela serve para conduzir operações militares; ela serve também para organizar territórios, não somente como previsão das batalhas que é preciso mover contra este ou aquele adversário, mas também para melhor controlar os homens sobre os quais o aparelho estratégico estreitamente ligado a um conjunto de práticas políticas e militares e são tais práticas que exigem o conjunto articulado de informações extremamente variadas, heteróclitas à primeira vista, das quais não se pode compreender a razão de ser e a importância, se não se enquadra no bem fundamentado das abordagens do saber pelo saber. São tais práticas estratégicas que fazem com que a geografia se torne necessária, ao chefe supremo àqueles que são os donos dos aparelhos do Estado. (LACOSTE, 2012, p.22).

Ao nos voltarmos a origem da ciência geográfica identificamos que é um conhecimento extremamente relevante socialmente, sendo um saber estratégico, um dispositivo que segundo Agamben (2005, p. 13) seria “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”.

Essa percepção promoveu o desejo de realizar uma discussão acerca da educação geográfica, na educação básica, como ações neoliberais atuam diretamente no trabalho docente, os desafios e dificuldades que o ensino de geografia sofre nessa sociedade, e como isso afeta o Ser professor(a).

Afinal as produções humanas são realizadas de forma coletiva, através das relações sociais, o meio o qual o sujeito está inserido atua na construção da identidade do mesmo, então buscar pensar a formação inicial dos(as) professores(as) de geografia levando em consideração a sociedade o qual esses sujeitos estão inseridos pode vir a corroborar para superarmos o que vem sendo posto. Pois apesar das ideias não transformarem a realidade, a práxis surge das ideias.

2 EDUCAÇÃO EM UMA SOCIEDADE NEOLIBERAL – O QUE ESPERAR?

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredirá bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala. Arrastaram-se para lá, devagar sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Graciliano Ramos

A obra *Vidas Secas* publicada em 1938, tem origem no momento de construção da identidade nordestina, e “escancara” a pobreza e a miséria social. Apesar do livro ter sido escrito já há 80 anos, e ter como espaço o sertão nordestino, a figura de família que é elencada na obra encontramos ao andarmos pelo centro da cidade do Recife. Em uma visita rápida pelo bairro de São José encontramos diversas famílias como a ilustrada na obra de Graciliano Ramos.

Pessoas que se encontram as margens da sociedade, esquecidas pelo poder público e pelos demais membros da sociedade, que andam sem chegar realmente a um lugar, pois seus direitos foram tomados, pois não são considerados cidadãos a medida que não consomem.

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. Haveria nisto um paradoxo pedindo uma explicação? De um lado, é abusivamente mencionado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, das quais um dos frutos são os novos materiais artificiais que autorizam a precisão e a intencionalidade. De outro lado, há, também, referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade. Todos esses, porém, são dados de um mundo físico fabricado pelo homem, cuja utilização, aliás, permite que o mundo se torne esse mundo confuso e confusamente percebido. Explicações mecanicistas são, todavia, insuficientes. É a maneira como, sobre essa base material, se produz a história humana que é a verdadeira responsável pela criação da torre de babel em que vive a nossa era globalizada. (SANTOS, 2013, p.19).

É dentro dessa sociedade globalizada, tão confusa, que está a instituição escola, assim como os dispositivos que a constituem, que a regulamentam. É nessa sociedade globalizada, pautada pelo modo de produção capitalista que temos a ação, ou melhor uma luta de poder entre diferentes discursos, diferentes modos de pensar o espaço geográfico “a sociedade civil é o lócus no qual as classes sociais lutam para exercer a hegemonia cultural e política sobre o conjunto da sociedade”. (MAGRONE, 2006, p.357, apud, FERRARO, 2014, p.5).

No Brasil vivenciamos um momento em que a doutrina neoliberal vem buscando exercer sua hegemonia, é preciso estar atento a isso pois segundo Apple (2002, p.58) “Para os neoliberais o mundo é, em essência, um vasto supermercado. É a ‘escolha consumista’ que assegura a democracia. Com efeito, a educação é vista simplesmente como mais um produto como o pão, os carros e a televisão”.

A educação não é vista de forma integral, uma educação que visa a formação do indivíduo crítico e reflexivo do espaço e das relações

sociais, pelo contrário objetivasse a formação de mão de obra para o mercado de trabalho. E é essa lógica neoliberal que vemos cada dia mais permeando diversas esferas da educação brasileira, através dos mais diversos dispositivos, um exemplo disso são as políticas públicas que vem sendo implementadas, e que agem diretamente sob a figura do professor e da escola:

[...] quando o Governo Temer edita a Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016, que incorpora a proposta que atende aos interesses do setor privado e do Conselho Nacional de Secretários da Educação (CONSED); esse processo que culmina com a promulgação da Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que estabelece as novas diretrizes e bases para o ensino médio, nos termos dispostos pela referida Medida Provisória. É importante ressaltar que, embora tenha adivido acirrado enfrentamento dos setores progressistas da sociedade civil, em particular do Movimento Nacional em Defesa do Ensino Médio, e do movimento dos estudantes secundaristas, a proposta do governo foi aprovada integralmente. (KUENZER, 2017, p.333).

A implementação de uma Lei de diretrizes e bases da educação, assim como uma reforma no ensino médio que impõe uma nova racionalidade nas escolas públicas do Brasil, sem diálogo com os profissionais da educação e a sociedade, e que apregoa uma uniformização no ensino, é sem dúvida um dos maiores exemplos da inserção da lógica neoliberal na educação brasileira.

Isso é preocupante, pois esse pensamento transforma a escola em apenas mais um campo de produção e reprodução do lucro, que é o único objetivo dessa lógica mercadológica, que como Harvey (2016) esclarece as diversas relações sociais, emocionais, e trabalhistas vão sendo alienadas, e o individualismo, a competitividade é cada vez mais exaltado.

Cada dia mais esse pensamento vai impregnando o ambiente escolar, e o professor por sua vez vem perdendo espaço. Deixa de ser agente de transformação, que objetiva a construção do conhecimento em conjunto com os estudantes, como Freire (2013, p.50) destaca um sujeito que está “aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – *a de ensinar e não a de transferir conhecimento*”, e passa a ser tomado como um mero instrutor.

Que reproduz uma série de conteúdos que irão permitir o desenvolvimento de sujeitos aptos ao mercado de trabalho, pois os estudantes são vistos como capital humano. As políticas públicas neoliberais na educação visam permear o ambiente escolar, as práticas educativas de uma lógica essencialmente mercadológica. E isso se faz de forma perversa, sem preocupação com as subjetividades, identidades dos sujeitos e das particularidades de cada espaço escolar, que é único, e palco de diversos agentes sociais.

Assim o campo da educação é palco de diversas ações, de luta de poderes, que segundo Dreyfus e Rabinow (1995) ocorre mediante a ação sobre ações, sendo o exercício de poder um “confronto” contínuo de diversos agentes, em que cada qual objetiva uma ação, um resultado:

A educação entrou num período de contestação. As instituições são vistas como tendo fracassado totalmente. Os elevados "standards", o declínio da “literacia funcional”, a perda economicamente úteis, os resultados pobres nos testes nacionais, entre outras acusações, têm incidido sobre as escolas. Tudo isto conduziu ao declínio da produtividade económica, ao desemprego, à pobreza, à perda da competitividade internacional, etc... Regressemos a uma “cultura comum”, tornem-se as escolas mais eficientes, crie-se mais responsabilidade no sector privado e os nossos problemas estarão resolvidos. Subjacente a isto repousa um ataque aos padrões e valores da igualdade. Embora encoberta nos floreios retóricos dos críticos, em essência, demasiada democracia política encoberta nos floreios retóricos dos críticos, em essência, demasiada democracia política e cultural é vista como uma das maiores causas do declínio da cultura e da economia. (APPLE, 2002, p.56).

Assim apesar de observarmos no cenário atual, uma crescente ação de um grupo que visa alcançar interesses que propiciam a sua manutenção, e a escola sendo utilizada como aparelho ideológico, ou seja, um espaço em que uma determinada ideologia dominante é perpetuado, é preciso se atentar para não cair na lógica fatalista, tão disseminada.

Freire (2013, p.21) “A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social” se deixar levar por essa ideologia tão difundida é abrir espaço para hegemonia desse grupo ideológico.

A visão fatalista se encontra presente em diversas esferas, se realizarmos uma busca rápida na internet sobre educação no Brasil hoje nos deparamos com uma série de sites falando da violência nas escolas, da indisciplina, de baixos índices de desempenho escolar, enfim nos encontramos com inúmeras questões que apontam para o fracasso da escola pública.

E para além do fracasso da escola pública encontramos também a disseminação do fracasso de algumas disciplinas, como vem acontecendo com a geografia. Afinal segundo Lacoste (2012,p.161) “Hoje, mais do que nunca, o saber é uma forma de poder, e tudo que diz respeito à análise espacial deve ser considerado perigoso, pois a geografia serve, em primeiro, para fazer a guerra”, quando Lacoste usa o termo a geografia serve primeiro para fazer a guerra, não está restringindo a geografia como um instrumento de operações militares, mas

toma a mesma como um conhecimento de poder, que direciona ações e comportamentos espacialmente.

Sendo assim ao observarmos o espaço marginal que vem sendo posto para a geografia escolar, fica claro que não é mera coincidência, percebemos que essa ação vem de modo a corroborar com a manutenção do sistema atual. Ao diminuir as discussões, e debates que o conhecimento geográfico pode promover no espaço escolar, os grupos dominantes estão buscando garantir sua hegemonia.

Pois como Ferraro (2014, p.15) discute a escola é um dos principais dispositivos de perpetuação, e inculcação do modo de produção capitalista “A escola ensina aquilo que alguém escolheu, delimitou como necessário segundo uma ideologia que tem uma determinada crença acerca do que deve ser, ou de como deve se manter uma determinada organização social”, é na escola que a sociedade se reproduz.

Já que é mediante o ato de educar e de trabalhar que o homem vai se humanizando, a educação conduz a hominização humana, é a educação que nos conduz a ultrapassar a natureza “animal”, é mediante a educação e o trabalho que o homem se torna o *Homo Sapiens*, o homem sábio. Sendo a escola atualmente um dos principais espaços educacionais, já que os sujeitos passam os principais anos de sua infância e juventude nesse local, ela acaba por ser *locus* de produção e reprodução do modo de produção capitalista.

Mas como espaço educacional ela é palco de encontro e confronto de diversos modos de ver e pensar o espaço social, não sendo um espaço de pensar homogêneo, mas heterogêneo, e apesar das ideias não transformarem a realidade, o ser humano como sujeito social possui sua práxis associada ao que se é produzido no mundo das ideias, o pensamento de Marx corrobora com isso ao ponto que “ Ele implica sempre na crítica das explicações prevalecentes sobre o mesmo fato, e é uma reflexão crítica sobre o objeto”, (IANI, 2011, p. 401).

Mostrando assim que não existe uma realidade pronta e acabada, uma verdade absoluta, tudo é passível de reflexão. E dentro da sociedade neoliberal que vivemos atualmente, ser um sujeito crítico e reflexivo é essencial, ainda mais dentro do campo educacional, tendo em vista que segundo Apple (2002, p.58) “Para os neoliberais o mundo é, em essência, um vasto supermercado. É a ‘escolha consumista’ que assegura a democracia. Com efeito, a educação é vista simplesmente como mais um produto como o pão, os carros e a televisão”.

O cidadão ideal passa a ser o consumidor, o livro *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro nos

mostra isso, apesar da obra ter sido publicada em 1967, o autor já mostra com clareza a desigualdade da sociedade ocidental capitalista, ao trabalhar a fome, descoberta essa feita ainda nos seus anos de infância na cidade do Recife.

E ao longo do romance podemos ver como as pessoas que são de classes sociais mais baixas, que não possuem poder aquisitivo são desprezadas pelos agentes governamentais. Mostra como o direito à cidadania é perdido mediante a falta de capital. Apple (2002, p.58) aponta que “a democracia tornou-se numa prática de consumo, já que o cidadão ideal é o comprador”, sendo assim os espaços escolares passam a visar a formação de consumidores, de capital humano, e dentro desse quadro o papel do professor de Geografia se perde.

Pois esse profissional tem sua formação voltada para a formação de cidadãos críticos e reflexivos do espaço o qual está inserido. Ao analisarmos o currículo e as ementas das disciplinas da licenciatura em Geografia nos deparamos com um curso que visa a formação de professores críticos e reflexivos do espaço que os cercam.

Ter uma formação holística, e em seguida se ver inserido em um ambiente escolar em que a criticidade e a reflexão são minimizados, e a reprodução de informações, a preparação para o mundo do trabalho passa a ser o mais importante, acabamos por ter no fundo como Ferraro (2014) aborda um ato de violência, uma violência simbólica, pois um determinado grupo seleciona o que é importante para a sua manutenção, e a sociedade como um todo acaba por se ver submetida a seguir esse modelo imposto.

Antunes (2011, p.122) aborda que isso acaba por fazer que “o ser social que trabalha – e que deveria estar realizando uma atividade vital – se desrealiza e não se reconhece em sua relação entre “vida do gênero” e “vida individual”, o que leva à quarta dimensão do complexo social do estranhamento: o ser se estranha em relação ao próprio ser, ele se separa de seu ser genérico”, aí está a perversidade da lógica mercadológica atual.

Que se manifesta de tal forma que ao não levar em conta as subjetividades, as identidades particularidades dos sujeitos faz com que segundo Antunes (2011, p.123) o trabalhador só se sinta um ser livre e ativo “em suas funções animais, tais como comer, beber e procriar, e, quando exerce suas funções humanas, se sente como os animais. O animal se torna humano e o humano, animal”. Vivemos então um momento o qual os sujeitos, e aqui destacamos o sujeito professor se ver cada dia mais afastado do trabalho, pois não se sente mais agente de transformação, sujeitos ativos, não se sentem humanos ao realizar seu trabalho.

3 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa são de cunho qualitativo, pois nesse procedimento:

O pesquisador procura reduzir a distância entre teoria e os dados entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados. (TEIXEIRA, 2007, p. 137).

Adotamos a pesquisa qualitativa como procedimento metodológico, pois permite que o pesquisador insira ao longo de todo o processo as experiências pessoais, assim como as impressões obtidas, o que é de fundamental importância tendo em vista o caráter da pesquisa, que é embasada numa abordagem cultural da geografia, se aproximando muito da geografia humanista, pois “está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal” (CORRÊA, 2012, p. 30).

Dessa forma escolhemos a pesquisa qualitativa, pois é a abordagem metodológica mais conveniente para o desenvolvimento dos objetivos desta investigação, já que consideramos os sujeitos com seus traços subjetivos e suas particularidades, e não apenas a quantidade de dados, como na pesquisa quantitativa que, segundo Teixeira (2007, p.136), “utiliza a descrição matemática como uma linguagem, ou seja, a linguagem matemática utilizada para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis”.

Entendemos assim, que a pesquisa quantitativa é bastante importante quando os objetivos da pesquisa procuram trabalhar com a quantificação de dados, mas como os objetivos da presente pesquisa não buscam a quantificação nem precisam da quantificação de dados para serem alcançados, optamos pela pesquisa qualitativa, onde o social é repleto de significados, que são passíveis de investigação.

Para a construção de um trabalho científico, Lakatos (2003) nos mostra a necessidade de um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que permitam alcançar um dado objetivo, e segundo Teixeira (2007), essas atividades sistemáticas se enquadram em três atos acadêmicos: estudar, ler e escrever.

E para construção da presente discussão efetuamos esse processo, onde nos debruçamos em produções que debatem a educação dentro do cenário neoliberal, assim como efetuamos leitura de autores que trabalham a geografia escolar, e a formação de professores. O presente trabalho é assim uma discussão teórica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo vem de forma a corroborar com a construção de um debate que pense a educação para além do mercado de trabalho, uma educação humanizadora, que objetiva a formação do cidadão crítico e reflexivo, que respeita as subjetividades, as identidades, como Freire aborda em sua produção, uma educação libertadora.

Para tanto os professores, e aqui destacamos o de geografia precisa ter autonomia na produção do conhecimento em sala de aula, ser docente de geografia não pode se resumir a transferir conhecimento, ser professor de geografia é sim construir conhecimento, instigar a curiosidade, é pensar o mundo de forma holística de modo que professor e estudantes seja sujeitos sociais ativos, Freire (2015, p.74) “Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar”.

No entanto a discussão que realizamos até o momento nos aponta que a sociedade emergida dentro da doutrina neoliberal não abre espaço para o pensar criticamente, e de forma holística a sociedade, mas sim permeia o espaço escolar de uma racionalidade tecnicista e mercadológica, onde a figura do professor perde espaço sendo visto apenas como um mero instrutor.

Algo que difere totalmente do pensamento freiriano, que nos leva a pensar que:

Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2015, p. 25).

É dentro dessa perspectiva que pensamos a geografia escola como sendo uma disciplina que visa corroborar para a formação integral do indivíduo, que contribui para a reflexão, e construção de novos saberes espaciais, e que os sujeitos professores e estudantes fazem parte de uma relação de respeito e sujeitos produtores do conhecimento.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo**. Ilha de Santa Catarina – 2º semestre, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **Os exercícios da subjetividade**: as reificações inocentes e as reificações estranhadas. Caderno CRH, Salvador, v. 24, n. 01, p. 121-131. 2011.

APPLE, Michael W. **“Endireitar” a educação: as escolas e a nova aliança conservadora**. Currículo sem Fronteiras, v. 2, n.1, p.55-78 Jan/Jun. 2002.

DREYFUS, Hubert L., RABINOW, Paul. Michel Foucault **Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FERRARO, José Luís Schifino. **Althusser, Educação, Estado e (Re) produção**. Revista Contemporânea de Educação, v. 9, n. 17, jan/jun. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 52ªed – Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 52ªed – Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

IANNI, Octávio. **A construção da categoria**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 397 - 416, abr. 2011.

KUENZER, Acacia Zeneida. **Trabalho e escola: a flexibilização do ensino médio no contexto do regime de acumulação flexível**. Educ. Soc. Campinas, v. 38, nº. 139, p.331-354, abr/jun. 2017.

LACOSTE, Yves. **A Geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Trad.: Maria Cecília França. 19ªed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 128 ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.